



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

ENTRE O REAL E O SIMBÓLICO: A TRAVESSIA DE ALFREDO EM *TRÊS CASAS E UM RIO* DE DALCÍDIO JURANDIR

BETWEEN THE REAL AND THE SYMBOLIC: ALFREDO'S CROSSING IN THREE HOUSES AND A RIVER BY DALCÍDIO JURANDIR

DOI: 10.5281/zenodo.17302086



Aldizete Silva Souza¹

Resumo

Este artigo, recorte de uma pesquisa de mestrado dedicada à análise da presença do imaginário na obra de Dalcídio Jurandir, tem como objetivo examinar o processo de construção simbólica da personagem Alfredo em *Três casas e um rio* (2018), especialmente em sua travessia para Maratambalo e no caminho para Belém. Nessa trajetória, observa-se a tensão entre o real e o imaginário, que se manifesta tanto nas experiências individuais de Alfredo quanto na representação coletiva da sociedade amazônica. Com base em uma metodologia de abordagem qualitativa, de natureza analítico-interpretativa, investiga-se como o imaginário funciona como espaço de elaboração simbólica das angústias e superações da personagem, marcando o rito de passagem do menino ao homem. Os resultados indicam que a travessia constitui um movimento interior de autoconhecimento e reconstrução identitária, articulando desejo de pertencimento e superação do medo e da marginalidade. Conclui-se que, ao transformar o espaço amazônico em cenário do imaginário, Jurandir constrói uma narrativa de autoconhecimento e pertencimento ao articular o movimento individual de amadurecimento à dimensão coletiva da experiência regional, fazendo com que a Amazônia funcione não apenas como espaço geográfico, mas como categoria simbólica que traduz a complexa interação entre o real e o imaginário na constituição do ser.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; imaginário; travessia; rito de passagem; Amazônia literária.

1 Mestra em Estudos Literários. Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Introdução

A literatura amazônica, em sua pluralidade de vozes e representações, constitui um espaço privilegiado de reflexão sobre a formação cultural e simbólica do sujeito da região. As narrativas produzidas nesse contexto ultrapassam o registro regionalista, pois nelas a Amazônia aparece não apenas como cenário geográfico, mas como território simbólico em que se projetam conflitos de identidade, memória e pertencimento.

O universo ficcional de Dalcídio Jurandir, reunido no *Ciclo do Extremo Norte*, reflete essa complexidade. Composto de dez romances publicados entre 1941 e 1978, o ciclo acompanha a trajetória de Alfredo desde a infância até a vida adulta, configurando-se como narrativa de formação. Em cada obra, a experiência individual do protagonista é atravessada por questões sociais, históricas e simbólicas que delineiam a constituição do sujeito amazônico.

O *Ciclo* propõe, assim, uma leitura da Amazônia como espaço existencial e simbólico, em que o homem ribeirinho elabora sua identidade em meio a deslocamentos, memórias e afetos. Nesse conjunto, o romance *Três casas e um rio* (2018) ocupa posição singular por articular a dimensão social da experiência amazônica à interioridade das personagens, revelando a tensão constante entre o real e o imaginário.

Trata-se de um universo ficcional, marcado por personagens em trânsito, inscritos na tradição da narrativa de formação, que tematiza o amadurecimento e a busca de sentido em meio às condições sociais e históricas da Amazônia. A trajetória de Alfredo expressa um movimento simbólico de passagem, em que sua travessia constitui um processo de autodescoberta e de confrontação com o meio, no qual o imaginário atua como mediador entre o vivido e o sonhado, entre o indivíduo e a coletividade.

Assim, o presente artigo, recorte de uma pesquisa de mestrado voltada à análise do imaginário na obra de Dalcídio Jurandir, tem como objetivo examinar o processo de construção simbólica da personagem Alfredo em *Três casas e um rio* (2018), especialmente em sua travessia para Marinatambalo e no caminho para Belém. Secundariamente, busca-se





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

compreender como o imaginário estrutura a trajetória da personagem e funciona como espaço de elaboração simbólica de suas angústias, seus desejos e suas superações.

O romance acompanha a fuga de Alfredo e sua travessia pela floresta até a fazenda Marinatambalo, um espaço simbólico em que realidade e fantasia se entrelaçam. A leitura dessa travessia permite compreender o modo como Jurandir (2018) traduz, em forma literária, o movimento interior de transformação do sujeito amazônico diante de suas condições sociais, raciais e afetivas. Mais que uma simples fuga geográfica, trata-se de um deslocamento simbólico e psicológico, no qual o personagem enfrenta seus medos, aceita sua origem mestiça e ressignifica sua relação com a mãe e com o espaço ribeirinho.

Esta pesquisa tem natureza qualitativa, com abordagem analítico-interpretativa e fundamentação teórica nas contribuições de Durand (1997), Wunenburger (2007) e Loureiro (2002), cujas reflexões permitem compreender o imaginário como espaço de mediação entre o real e o simbólico. O procedimento metodológico consiste na leitura crítica e simbólica das passagens narrativas relacionadas à fuga e à travessia do romance *Três casas e um rio* (2018), associando-as aos conceitos de rito de passagem e de construção identitária.

A relevância deste estudo consiste em ampliar a compreensão da literatura amazônica sob a perspectiva do imaginário, evidenciando de que modo Dalcídio Jurandir articula mitos, símbolos e elementos do real em uma tessitura narrativa que transcende o regionalismo. Sua obra configura-se como metáfora da formação do sujeito amazônico, marcado por tensões identitárias, e, simultaneamente, permite refletir sobre a condição humana universal diante dos processos de autodescoberta e superação.

A construção da personagem Alfredo: uma fuga pelo imaginário na travessia à Marinatambalo

A fazenda Marinatambalo insere-se no enredo como um espaço de transição entre o mundo concreto e o território do imaginário. É para lá que Alfredo se dirige após fugir de Curralinho, impulsionado por um desejo de libertação que se confunde com o medo e a





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

curiosidade diante do desconhecido. No conjunto do *Ciclo do Extremo Norte*, Marinatambalo simboliza o limiar entre a infância e a maturidade, funcionando como o cenário em que o protagonista confronta suas inquietações e elabora sua identidade.

Ao ser representada como um espaço distante e envolto em mistério, a fazenda desloca a narrativa do plano realista para o domínio simbólico, abrindo margem à presença do maravilhoso e do fantástico, que permeiam o romance, bem como operando, simultaneamente, como elemento constitutivo da personagem Alfredo. Já no início da obra, o narrador explicita esse significado no seguinte excerto:

Marinatambalo. Era um antigo nome dado à ilha de Marajó pelos espanhóis ou holandeses – sabia-se lá – quando andavam pela Amazônia e aproveitado pelo Dr. Menezes para batizar a sua fazenda [...] em sua fazenda, que ele chamava o Reino de Marinatambalo (Jurandir, 2018, p. 264)

Nesse reino, a família Menezes dava bailes luxuosos, com vestimentas vindas de Paris, em que eram convidadas as pessoas da alta sociedade. A fazenda viveu anos de glória até chegar às ruínas, levando ao ponto de despertar o devaneio da comunidade. Nesse sentido, o mito permeia o romance dalcidiano para explicar determinados acontecimentos porque, conforme ensina Jaeger (2010, 59 p. 68), “os mitos [...] constituem um tesouro inesgotável de exemplos e modelos da nação que neles bebe o seu pensamento, ideais e normas para a vida”, conforme se verifica na passagem:

Aquelas vacas nem mugiam e os bezerros onde estavam? Foi esta a única pergunta maldosa que fez ao padrinho. Os bezerros mamam à noite, trazidos pelo curupira, respondeu o seringueiro que acumulava na sua barraca muitas peles de borracha na intenção de descer as corredeiras e vender o seu produto a bom preço. Assim teria a casa, os juro e o colégio do afilhado; Sebastião não entendia porque o curupira... Então o tio falou que era, sim o curupira, o vaqueiro daquelas vacas. Curupira, de dente verde, dava flecha encantada para o caçador que não perdia uma caça. Mas em compensação pedia ao homem um pedaço do seu fígado (Jurandir, 2018, p. 100).

Jurandir (2018), na construção do capítulo dedicado à travessia de Alfredo da floresta até a fazenda misteriosa, faz uma crítica ao período do ciclo da borracha, representada pelas lembranças de Sebastião, o tio de Alfredo, e de Lucíola. A primeira lembrança é o episódio





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

que retrata o caminho e a tragédia de vários imigrantes, no auge do ciclo da borracha, que partiram para o seringal em busca de uma vida melhor.

Essa passagem foi descrita por meio da memória de Sebastião, padrinho de Alfredo, que contava a trajetória vivida nas matas do Amazonas. Alfredo busca, em suas lembranças de infância, as passagens narradas pelo tio sobre cada detalhe do percurso feito, conforme pode ser apreendido na seguinte passagem:

O padrinho não explicou nada. Sentado no chão, mordido de mosquitos, orelha cheia do zumzum dos bichos, o menino via o padrinho com a machadinha golpeando a árvore, a aplicar a tigelinha no tronco, tal como viu, uma noite, a sua tia aplicar a ventosa na barriga de um velho que gemia. Teve uma interrogação muda: as árvores não sentiam dor com isso, não parecia doer? [...] Perdida a borracha, o padrinho se apaixonou, de não levantar a cabeça. Pois havia caminhado anos naquelas estradas do seringal, defumando, contando as peles, moído de mosquito e febre, varado de espinhos e lá se foi tudo pela cachoeira abaixo. Tentou, depois, por desgosto ou por saudade da roça que abandonara em Ponta de Pedras plantar tabaco que subira de preço naquela época [...] depois, juntou-se com uns seringueiros que vinham fugindo de um seringal brabo, uns com febre, outros com a perna tremendo, aqueles contando horrores. 60 Andaram atravessando corredeiras, seringais, acossados por pium, sezão e fome. Um dia, saíram num rio largo. Atracado ao trapiche, carregando borracha [...] (Jurandir, 2018, p. 100– 102).

Nesse trecho do romance, observa-se que Sebastião relata a Alfredo as dificuldades enfrentadas pelos homens que deixavam suas terras para trabalhar nos seringais, movidos pelo desejo de ascensão econômica, sonho também alimentado por ele próprio, que via na fuga da roça uma possibilidade de superação da pobreza. O relato reflete o destino comum de muitos trabalhadores que se lançaram na extração da borracha e acabaram submetidos a condições extremas de sobrevivência.

Conforme analisa Lima (2014), esses homens enfrentavam ataques de grupos indígenas em defesa de seus territórios, o perigo de animais selvagens e peçonhentos, além de doenças tropicais como impaludismo e febre amarela, fatores que transformavam a busca por enriquecimento em um processo de exaustão física e moral. E Jurandir (2018), por meio de suas narrativas, conseguiu registrar alguns dos dramas vivenciados por esses homens, que tinham sonhos e foram em busca do paraíso na esperança de enriquecimento, o que





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

infelizmente nunca acontecia, pois, esses indivíduos, além de serem largamente explorados, acabavam se endividando ainda mais.

Tratava-se de um cenário recorrente durante o ciclo da borracha, fenômeno que marcou profundamente a região amazônica entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Nesse período, a intensa exploração do látex, substância extraída das seringueiras, provocou transformações significativas no território e na economia do norte do Brasil.

Conforme explica Leal (2008), o látex era coletado nas áreas de floresta e enviado principalmente para as capitais Manaus e Belém, onde passava por processamento antes de ser exportado para a Europa e os Estados Unidos. O auge dessa atividade trouxe prosperidade momentânea às cidades amazônicas, que passaram a exibir sinais de modernização, como teatros, praças e iluminação pública, ainda que à custa da exploração do trabalho e da devastação ambiental.

A Vila de Cachoeira, na Ilha de Marajó, cenário do romance, localiza-se a poucos quilômetros da capital Belém e tem o rio como divisor dessa distância. O rio se mostra, na narrativa de Jurandir (2018), um elemento estruturador, que tem destaque como se fosse uma personagem, vivenciando momentos tristes e felizes ao longo da trajetória de Alfredo, de forma que “[...] o rio torna-se, portanto, como uma coisa viva da qual tudo pode vir, como de tudo o que é vivo” (Loureiro, 2002, p. 79).

Ademais, as abordagens sobre o rio se mostram de suma importância nas obras de Dalcídio Jurandir, destacando-se o elemento água como matéria por excelência constituinte das imagens e do imaginário presentes no espaço da Amazônia. E, o rio apresentado por Jurandir (2018), tal como a região, também desfrutou de um período de prestígio e tragédia proporcionado pelo ciclo da borracha.

A segunda lembrança acontece no episódio que faz alusão ao período áureo do ciclo da borracha, em que a personagem Lucíola Saraiva apresenta, por meio de sua memória, a rememoração de uma grande festa, com direito à cerimônia de caça, uma das últimas realizadas na fazenda Marinatambalo:





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Em setembro de 1910, recordou Lucíola, dr. Meneses resolvera festejar, na fazenda, o regresso das duas filhas que estudavam na Inglaterra. Para pasmo de toda Cachoeira, Lucíola e irmã foram convidadas. Por que seria? Os Meneses, como ninguém, selecionavam as suas festas mandando vir a maioria dos convidados da capital. [...] Lucíola parou sob a recordação mais viva de Marinatambalo. O bosque era como um parque de cidade. Latadas de jasmineiros ao centro envolviam a área onde ficavam os balanços e o coreto. Junto a uma latada, dr. Meneses mandara colocar uma estatueta de mármore que simbolizava a Prosperidade, dizia ele. No pavilhão embandeirado, reluziam armas e todos os apetrechos para a caça. E por tudo isto, voando e gritando, uma grande arara azul que pousava nos ombros do fazendeiro, na cabeça da estátua, como uma ave propiciatória (Jurandir, 2018, p. 273–274).

Os momentos recordados por Lucíola representam o período de glória na fazenda Marinatambalo com os benefícios advindos do ciclo da borracha. A família Menezes, na narrativa, representa a população que desfrutava desse momento áureo da borracha, com festas, viagens e um grande patrimônio. No entanto, apesar de o período representar riquezas para alguns, para grande parte da vila de Cachoeira, tudo continuava normal.

O romance, de forma sucinta, retrata essa época por meio das personagens de Sebastião e Lucíola, que, fazendo uso da memória individual de cada um, representam a memória coletiva da região, coadunando com o entendimento de a literatura, reflete em suas produções o contexto histórico, social e cultural no qual foi produzida, fazendo assim uma releitura dessa realidade por meio da ficção.

Assim, a narrativa traz, em seu enredo, um contexto histórico, social e cultural de total importância para o desenvolvimento da Região Norte, principalmente para as cidades de Manaus e Belém, que foram as capitais mais desenvolvidas na época e levaram, dessa forma, alguns benefícios para as regiões e ilhas mais próximas. Trata-se ainda de um contexto de exploração e sofrimento, conforme pode-se aduzir das perdas dos moradores da ilha no romance, que retratou, de forma realística, as dificuldades vivenciadas no dia a dia desse povo, em consequência da queda do período fausto da borracha.

Isso pode ser evidenciado diante do registro da memória dos que viveram no tempo e no espaço amazônico, como retratado nos seguintes momentos:





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Escondia essa situação. A Andreza sempre de olho vivo em tudo. Explicava a esta que o café com bolachas na hora do jantar era desejo de seu pai, de todos no chalé, não por falta de comida. E ele que achava impossível o que acontecia com aqueles pobres da rua de baixo, onde não havia pão, nem carne, nem açúcar durante dias! Os empregados da Intendência para o açougue e para a taberna. A carne para o chalé. Alfredo trazia do mercado, era fiada e os vales se acumulavam na mão do açougueiro. [...] Seu pai falava sempre no ‘bom tempo’ que deixara apenas restos de coisas e pessoas [...]. Ninguém, de fato, gostava dos tempos presentes e para estes nasciam ele e outros meninos (Jurandir, 2018, p. 319–320).

No fragmento supracitado, fica evidente a falta de um tempo bom, momentos que Alfredo e os meninos da vila dificilmente vão conhecer por não conseguirem sair para ir a Belém devido à falta de dinheiro. O sonho de Alfredo é ir estudar na capital, mas, cada vez mais, ele vê esse sonho distante por conta das condições da família, pois, apesar de o seu pai ser secretário da Intendência na vila, enfrenta dificuldades financeiras.

Sua mãe também sonhava em ver o filho conquistando seus desejos e estudando em Belém, e seus devaneios se inter-relacionavam com as passagens sobre o rio da narrativa, conforme indicado por Nunes (1999, p. 48), ao afirmar que:

[...] o rio toma, para dona Amélia, mãe de Alfredo, contornos de um pulsante desejo, dado que através das águas marajoaras, a mulher desejava enviar o filho para morar em Belém e, assim, vê-lo melhorar de vida. O rio, portanto, constitui-se na redenção da personagem, no desejo de uma vida melhor que, consequentemente, teria sua preamar de felicidade em Belém.

Diante desse contexto, retoma-se a concepção de Durand (1997) sobre o imaginário, segundo a qual o espaço constitui a forma primordial onde se organizam os trajetos simbólicos da imaginação. Para o autor, as categorias do fantástico se inserem nesse espaço e o dotam de dimensões afetivas, de modo que o imaginário não é apenas representação mental, mas uma estrutura simbólica que dá sentido às experiências humanas.

O sonho de dona Amélia em ver o filho estudando em Belém pode ser aferido na passagem a seguir, quando ela assim afirma: “Pois eu vou fazer tudo para que você estude, para que saias daqui. Tu queres saber. Nada mais bonito que a sabedoria de uma pessoa. E vais para que não morras também. Minha filha morreu talvez por descuido meu.” (Jurandir,





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

2018, p. 258). Esse desejo também pode ser vislumbrado quando diz que, mesmo o pai não querendo, ela o fará doutor:

Meu filho, tu não és da cozinha. Tu és do salão. Mas teu pai não quer saber do teu colégio. Eu mesmo vou te levar. Um dia tu serás doutor. Não renegarás tua mãe. Serás um doutor. Desafio se disserem que não serás. Tu tens cabeça para a sabedoria (Jurandir, 2018, p. 260).

Assim, o sonho de sua mãe anda em paralelo com a falta de oportunidades, de melhorias na vila e de acesso aos estudos, elementos os quais, da mesma forma que a dificuldade de acesso à capital iluminada, explanadas ao longo da narrativa, vão servindo de mote e entendimento para que o leitor perceba os conflitos internos de Alfredo, cuja abordagem será mais bem aprofundada no tópico seguinte. Depois da falência, por motivos de dívidas, a fazenda despertou a imaginação dos moradores da vila, que ganhou fama de luxo e crueldade. Lucíola foi quem sempre falava das histórias da fazenda para Alfredo, que imaginava como seria a tal fazenda lendária: “Alfredo sempre pensou ver o que restava de Marinatambalo” (Jurandir, 2018, p. 264).

Os moradores não queriam pronunciar nem o nome da fazenda, que era taxada de fazenda estranha e desencadeava o medo, mas Alfredo tentava descobrir o rumo da tal fazenda misteriosa. Assim, no decorrer do romance, essa personagem demonstrou insatisfação com algumas situações, que o levou a querer ficar distante da realidade vivenciada no chalé, o que justifica a brincadeira do faz de conta com o carocinho de tucumã, a qual se tornou uma aliada para o enfrentamento dos problemas que cercavam o menino.

Sobre esse recurso utilizado por Jurandir (2018), recorre-se à Anna Claudia Ramos, escritora do livro *Nos bastidores do imaginário: Criação e Literatura Infanto Juvenil* (2006), para ilustrar a importância da brincadeira na vida das crianças, recurso tão bem aproveitado pelo autor:

Caso uma pessoa ache que criança não sabe nada e tem que aprender tudo com os “sábios” adultos, esse infantil também continuaria sendo menor. Por outro lado, se a pessoa souber enxergar a criança como criança, capaz de pensar e ser o que ela é, se souber que a brincadeira é uma das coisas mais sérias da vida, na qual as verdades estão ali, fazendo de conta que podem ser de outra maneira, como num jogo de





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

reconstruir histórias, aí sim o adjetivo infantil não será visto como algo menor, e sim como algo maior, criativo (Ramos, 2006, p. 81–82).

Assim, a brincadeira do faz de conta que Alfredo imagina no decorrer do romance simboliza sua criatividade e fantasia todas as vezes que imagina uma vida diferente para ele e sua família. O caroco, quando realiza os desejos de Alfredo no faz de conta, surge como um objeto mágico, fazendo com que o menino se esconda dos seus problemas internos e crie somente situações que o fazem fugir da sua realidade.

Marinatambalo representa um lugar de fuga para os conflitos de Alfredo e sinaliza um momento de escolhas no qual o menino é levado a refletir sobre sua identidade e o alcoolismo da mãe. O imaginário em volta da fazenda lendária contribui para que a personagem cresça no sentido de valorização e reconhecimento familiar. Na noite da fuga, no chalé, Alfredo se depara com um ambiente diferente:

[...] seu Alberto, de um lado, na saleta, preocupado com a cirurgia da filha cega de Mauá, nem nota a presença do menino: Estirado ao longo da rede, que embalava, a mão inerte sobre a testa, seu pai estava mergulhado em completa calma. Alfredo, então, quis ajoelhar-se ao pé da rede ou inclinar-se para pedir-lhe benção. Mas o velho não deu com a presença do filho, tão recolhido estava em seu silêncio (Jurandir, 2018, p. 256).

Dessa forma, o sentimento de Alfredo em relação à atitude do pai é de compreensão, mas também de ressentimento, pois, para que fosse feita a cirurgia da filha de Alberto, foi necessária a venda do gado e, com isso, os planos do menino em estudar em Belém ficou prejudicado, pois dona Amélia contava com esse dinheiro para realizar o sonho do filho.

Do outro lado, na cozinha, estava dona Amélia, com uma aparência nunca vista antes pelo menino, bêbada, chorando pela perda da filha e com ressentimento em relação à venda do gado, que, para ela, representava a realização do sonho do menino. Alfredo entrou na despensa e tropeçou numa porção de garrafas espalhadas no soalho, as garrafas atiradas pelo pai, derramadas em presença dele, cheias de cachaça. Abandonando a mão de pilão, D. Amélia veio em busca dele e Alfredo sentiu-lhe o hálito tão forte como o hálito dos bêbados que se habituara a observar na taberna de Salu ou no mercado. [...] Curva sobre o pilão na cozinha, D. Amélia principiou a chorar chamando pela filha. Seu hálito enchia o chalé, na impressão de Alfredo (Jurandir, 2018, p. 257–258).





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Esse episódio faz com que Alfredo sinta um sentimento vergonhoso pela mãe: “Alfredo naquele instante não sentia nenhuma piedade por ela e sim um ácido ressentimento quase próximo do ódio, do horror e da repulsa” (Jurandir, 2018, p. 259), apresentando um lado grotesco da narrativa de Jurandir (Moraes, 2011). Apesar do sentimento demonstrado por Alfredo, ele tenta acalmar a mãe e a leva para dormir, mas sem sucesso, pois ela queria beijar e abraçar o menino, ao mesmo tempo em que chorava a morte de Mariinha.

Na sequência, o devaneio toma conta da cena, a cozinha fica tomada por uma cor cinzenta, como se o sfumato tomasse conta da situação, fazendo com que Alfredo e dona Amélia parassem no tempo: “A claridade da noite derramouse pela janela do corredor e penetrou na cozinha, cobrindo-os de uma cor cinzenta em que ficaram enrolados como dois mendigos” (Jurandir, 2018, p. 260).

Logo após a chegada da misteriosa claridade, dona Amélia veio a cair como um cadáver. Esse momento representou o começo do desespero de Alfredo, que, em meio aos gritos do pai, o qual falava impropérios e humilhava sua mãe, deixava o menino ainda mais agoniado e arrependido pelo que sentia pela mãe, cujos sentimentos o confundiam: “Alfredo ajoelhou-se, procurou abrir os olhos da mãe sem o conseguir e começou a queixar-se, chorando na escuridão” (Jurandir, 2018, p. 261).

Alfredo, decidiu fugir pela floresta para Marinatambalo e tentou esquecer a realidade que deixou no Chalé, como se a fuga o levasse para outra dimensão e apagasse os momentos vividos com a mãe: “Já distante, voltou-se para ver uma ou outra luz dos fundos de Cachoeira e estrelas pálidas piscavam timidamente sobre os campos desertos. Onde estava, para onde caminhava, não sabia” (Jurandir, 2018, p. 263).

Esse momento representou um adeus para a vila e um começo de algo que nem o menino saberia dizer o que significava, mas que ele precisava enfrentar para se reconhecer fora da imaginação criada por ele, que o acompanhava nos momentos de tristezas e solidão. A floresta, na travessia de Alfredo, simbolizava um labirinto pelo qual o menino precisava passar (e sair) para encontrar a fazenda lendária.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Nessa etapa, começou a luta de Alfredo com os elementos da natureza, que, de alguma forma, representavam ainda o caos na cabeça do menino: “Atravessava uma zona de torroadas que lhe doíam nos pés descalços. Os juqueris espinhentos cortavam-lhe os dedos” (Jurandir, 2018, p. 263). Assim, o caminho de Alfredo, durante a noite, fez com que a imaginação em torno da floresta contribuísse para o medo que o menino estava sentindo, pois, na floresta, um ambiente fechado, com animais e a escuridão da noite, é que o devaneio aparece:

Sem tocar em uma só flor da pixuneira, o menino julgou tão subida e misteriosa aquela floração que acreditou nalguma menina a enfeitar a árvore, nalgum gênio dentro daquele tronco e animando aqueles galhos, exalando bondade e consolo através daquelas flores que o orvalho fazia desabrochar tão suavemente (Jurandir, 2018, p. 265).

Os momentos vivenciados por Alfredo na floresta serviram de reflexão e questionamentos sob a morte da mãe, pois, na verdade, o menino não tinha certeza se, de fato, a mãe estaria morta ou se a fuga representaria uma vida nova para ele em Belém.

Seria possível que seu pai tomasse uma atitude depois dos acontecimentos? Em meio aos pensamentos reais e à imaginação, tudo se misturava em um turbilhão na mente de Alfredo. A cada olhar do menino em torno da floresta, era possível ver as incertezas. Foram momentos de medo e angústia enfrentados por Alfredo que até oração ele fez para sair da situação em que se encontrava, pois ele próprio se questionava se realmente estava fugindo com suas pernas ou alguém invisível o estava levando. Naquela solidão, Clara poderia surgir mesmo de verdade, transformada em força maléfica e indomável como um redemoinho. Isto o fez estremecer e logo outros seres mágicos do campo, a mantinda, a mãe do fogo e os espectros do boi rosinho, do cavalo branco e da ilha, que aparecia e sumia, lhe brotavam do pensamento (Jurandir, 2018, p. 266).

Nem mesmo o medo fez com que Alfredo parasse de imaginar, pois, para ele, esse ato representava uma parte de si, que se encontrava fora do universo real e sustentava os seus desejos internos. Os seres mágicos, portanto, fazem parte do emocional do menino e são inversões criadas como parte de momentos de fuga que o ajudaram a enfrentar as situações do dia a dia, de forma que “[...] o imaginário comporta uma vertente representativa, e, portanto, verbalizada, e uma vertente emocional, afetiva, que toca o sujeito” (Wunenburger, 2007, p. 11).





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Alfredo, durante sua travessia pela mata, sente-se tocado por sentimentos imaginais, que o fazem perceber e sentir sensações que vão além da simples imaginação com o carocinho de tucumã, como retratado no momento de cansaço do menino na seguinte passagem:

Sentou-se no chão molhado e o frio percorreu-lhe o corpo exausto. Permanecendo durante algum tempo com as mãos no rosto. Quando as tirou, viu a noite diferente, os olhos molhados e ávidos para aquela espuma, luminosa e turva ao mesmo tempo, que se espalhava no céu. Ergueuse para enxotar a suspeita do encantamento, de que sempre Lucíola lhe falava, ter inteira consciência de que estava dono de si, com os pés na terra. Não, não era bruxaria (Jurandir, 2018, p. 267).

Dessa forma, ao imaginar a mãe morta por causa do vício, Alfredo carrega um sentimento de culpa por não ter lhe dado a valorização que merecia. A noite na floresta parecia não ter fim, fazendo com que Alfredo embarcasse no imaginário em que as árvores ganhavam vida animal, faces, cabeleira, peitos e braços, movimentando-se como se estivessem despertando de um sono profundo. Os animais também ficaram diferentes, como se quisessem ajudar o menino nas agonias internas.

Os momentos vivenciados por Alfredo se misturavam e representavam medo, susto e deslumbramento, pois, ao mesmo tempo que surgiam as aflições, vinham também as lembranças da infância do menino, os pesadelos e os sonhos, que, de alguma forma, contribuíram para seu crescimento. A fuga para a fazenda Marinatambalo, muito mais do que uma simples travessia, na visão de Alfredo, representou seu crescimento interno, pois ultrapassar as barreiras da floresta e chegar ao ponto tão almejado, que é conhecer a fazenda tão misteriosa, auxiliou no seu crescimento pessoal e representou a transição do Alfredo criança para o Alfredo adulto, um dos desejos imaginado por ele nos momentos de aflição: “Estava só naqueles campos e desejou ser rapaz crescido, forte, para continuar a correr, galopando em cavalos bravos, matando jacaré como seu tio” (Jurandir, 2018, p. 266).

Alfredo seguiu firme na travessia da floresta, pois, mesmo com muito medo, era preciso atravessá-la: “[...] começou a correr, gritando para espantar o medo e apressar a marcha, de vez em quando olhava a lua que o perseguia com sua raiva de degolada” (Jurandir,





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

2018, p. 268). O medo trouxe de volta o menino dependente da mãe, a qual sempre esteve ao seu lado, mesmo quando o sentimento dele era de vergonha.

Essa passagem na travessia representa ainda que Alfredo estava se escondendo das suas emoções e não queria imaginar sua vida sem a sua mãe: “Não queria ver o enterro saindo do chalé” (Jurandir, 2018, p. 266). E, antes de chegar à fazenda, o menino escutou gritos, como se fosse apelo de socorro: “[..] o menino começou a tremer de espanto, ao ouvir um grito ecoando nos longes” (Jurandir, 2018, p. 268).

Alfredo, então, percebeu que gritavam seu nome e imaginou que fosse sua mãe, viva ou morta, em um momento de alegria e aflição no qual o menino contemplava com orações e promessas de ser um bom menino para os moleques da vizinhança e de ajudar nas obras da igreja. Alfredo foi tomado pela consciência das suas atitudes com a mãe e com os vizinhos do chalé. Ele se sentia culpado e perdido, pensando até em voltar para a vila, mas não sabia o caminho de volta e, assim, decidiu seguir o seu plano principal: encontrar a fazenda.

Na sua caminhada, deparou-se com um vulto branco que se aproximava. Quem poderia ser? O menino simplesmente continuou a correr com muito medo: “Alfredo não reconheceu a voz e fugiu, rompendo um cipoal, ganhando novo descampado, com o nome de Nossa Senhora na boca, pedaços de oração contra os perigos, nome de sua mãe, correndo entre muitos troncos” (Jurandir, 2018, p. 269).

Durante apenas uma noite, Alfredo viveu seus maiores medos, foi como se a floresta entendesse as agonias do menino e contribuísse para que houvesse um crescimento pessoal interno, fazendo com que ele se arrependesse de algumas atitudes, como o egoísmo, pois o sonho de estudar em Belém fazia-o pensar só nele. Jurandir (2018), na construção da travessia pela floresta, faz-nos lembrar das narrativas de conto de fadas, uma vez que a floresta representa os perigos que as personagens precisam enfrentar e, ao final, na chegada, fortalecem-se com os obstáculos.

Essa riqueza de detalhes e emoções que perpassam pela obra de Jurandir (2018), por meio dos sentimentos de Alfredo, de acordo com Nunes, Pereira e Pereira (2006, p. 124), faz com que *Três casas e um rio* (2018) seja:





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

[...] um livro que se lê devagar, apaixonado pelos detalhes, pela linguagem limpa e a viva adjetivação, que completam a ideia de vigor, de primitivo, apesar de sua poesia e da mediocridade daquelas vidas. E é um livro, principalmente, que deixa impressão funda — daqueles que, ao encerrar-se, continuam vibrando dentro de nós. No romance, os obstáculos são os conflitos internos e externos de Alfredo, pois, ao não conseguir se conformar com a vida que tinha na vila, tendo em vista que almejava mais, queria estudar e poder conhecer os vários lugares tão falados por seu pai, major Alberto. Algumas pessoas na vila criavam um bloqueio de proteção contra seus próprios sentimentos.

Diante disso, é possível afirmar, que desde a simples brincadeira do garoto Alfredo, à beira do rio, até a fantasmagórica Marinatambalo, a fazenda decadente, o romance de Dalcídio Jurandir se oferece como um texto rico, como uma narrativa fluida e simples na sua aparência, mas complexa em sua tessitura. Destaca-se, ainda, que, antes de chegar à fazenda, Alfredo foi encontrado por Luciôla, que era o vulto branco correndo na direção do menino desacordado, pois ele tombou no caminho, exausto de lutar contra a floresta.

Não pôde mais, as pernas dobravam. Um frio intenso. Os pés como chagas. Tombou no caminho. O tucumãzeiro cresceu-lhe à frente e principiou a rodar, enorme de encontro à lua, esqueleto de carvão, com seus espinhos em fogo. O sapo, como se fosse causador de tudo, fugiu no silêncio. Depois, curvada sobre o menino, a mão sobre o seu rosto frio, estava Luciôla (JURANDIR, 2018, p. 269)

Foram momentos cansativos, enfrentados por ele mesmo por meio de seus sentimentos, emoções, medo, sustos e pesadelos. Foi como se a floresta tivesse se fechado e ganhado vida, os animais se tornassem seres encantados e o menino crescesse para lidar com a batalha que ele mesmo criou, sendo fruto da sua imaginação.

Alfredo e a sua travessia: enfrentamentos internos e externos

A travessia até a fazenda Marinatambalo fez com que Alfredo enxergasse sua vida de forma diferente. O menino precisava sair do ambiente familiar para valorizar o que tinha e principalmente tirar a venda dos olhos que tanto lhe causava tristeza em relação à dona





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Amélia, que era negra e de origem pobre, cuja realidade fazia com que o menino sentisse vergonha, não da pobreza, mas, sim, da negritude da mãe.

A narrativa em volta da fazenda provocou o encontro dos protagonistas do romance: Alfredo, Lucíola e Edmundo. Tratava-se de três famílias, com problemas estruturais e psicológicos, que desfrutavam de momentos imaginais em Marinatambalo. Esse encontro favoreceu para o crescimento de Alfredo, pois, apesar de ser o mais novo, já tinha passado por conflitos vivenciados por adultos e, de alguma forma, sua fuga, seus problemas e seu imaginário contribuíram também para a trajetória de Lucíola e Edmundo.

Em meio ao seu momento de solidão, momento esse que Alfredo tanto sonhava, pois, quando decidiu fugir, até mesmo para se esconder da realidade deixada no chalé (a morte da mãe), o menino já imaginava uma fuga, talvez para chamar a atenção, talvez para mergulhar no imaginário por meio do carocinho de tucumã, apareceu Lucíola, pronta para socorrê-lo, com seu desejo materno de sempre cuidar do menino, pois o teve em suas mãos desde bebê.

Com a cabeça do menino no colo, Lucíola inclinou-se sobre ele para cobrir-lhe o peito com os seus cabelos soltos. Alisando-lhe o rosto que lhe pareceu angélico ao luar, pôs-se a refletir numa melhor maneira de retirá-lo dali. Carregá-lo, não podia. Alfredo crescera, pensava muito para as suas forças. Também, com quase onze anos! (Jurandir, 2018, p. 269).

Quando Lucíola pensava na idade do menino, vinha também a reflexão de que ele crescera, tornou-se malcriado e a desprezava, mas seu sentimento era igual ao de uma mãe, pois, independentemente das circunstâncias, amava-o e por isso saiu à procura do filho para protegê-lo.

Reconheceu, no muro da mata defronte, o bosque de Marinatambalo, com os bacurizeiros altos e a sumaumeira à entrada. Ali perto, havia um pavilhão de caça. Levá-lo até lá não seria muito difícil. Ergueu o rosto de Alfredo para a lua que ia alta e beijou-o, com os olhos em lágrimas (Jurandir, 2018, p. 269).

Antes de adormecer de cansaço, Alfredo, no percurso da fuga, queria ser menino crescido, um homem, para enfrentar os obstáculos da sua própria imaginação dentro da floresta. Talvez o desejo do garoto pôde ter sido realizado naquela noite, fruto de sua





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

imaginação, pois, ao encontrá-lo, Lucíola percebeu algo diferente: “— Que menino este! Parece que só nesta noite cresceu um palmo.” (Jurandir, 2018, p. 270).

Lucíola era a pessoa ideal para estar na fazenda com Alfredo, tendo em vista que ela vivenciou momentos importantes no local, o momento áureo do ciclo da borracha, no qual os Menezes tinham fartura. Além disso, ela conhecia as histórias de crueldade executadas pelo tio de Edmundo e participou da última festa luxuosa antes da falência da fazenda.

Ao sair atrás do menino, também não tinha certeza da morte de dona Amélia, mas ficou contente com a fuga dele e, principalmente, torceu para que seu Alberto colocasse a negra no lugar dela. Com seu Alberto preso e dona Amélia morta, Alfredo seria dela, um sentimento de posse alimentado por anos. O desejo de ficar com o menino era tanto que Lucíola entrou no devaneio: “Quem sabe se Alfredo não veio atraído por uma alma, um encanto, uma força contra a qual ela não teria poderes para lutar?” (Jurandir, 2018, p. 271).

E assim passou a noite e, mesmo quando:

Principiou a amanhecer, Alfredo continuava a dormir no colo dela. Não havia ocupado o pavilhão porque o encontraram com os restos do teto vergados pelas trepadeiras selvagens, a madeira das paredes esfarelado-se do caruncho e cupim (Jurandir, 2018, p. 272).

Ao acordar da noite terrível, Alfredo se viu nos braços de Lucíola e não ficou surpreso, pois sabia da obsessão dela por ele. Entretanto, não gostou nem um pouco daquela intromissão, uma vez que se tratava de um momento só dele, uma fuga da realidade do chalé e dos moradores, principalmente de Lucíola. Ao vê-la, lembrou do que acontecera no chalé: “De repente, se lembrou de perguntar-lhe por sua mãe. Estaria viva? Estaria? Por que perdera o medo, nem continuava desesperado pelo que poderia ter acontecido no chalé?” (Jurandir, 2018, p. 278–279).

O sentimento de agonia voltou a tomar conta do menino e, nesse momento, Alfredo passou a querer ter notícias da mãe. Era sua mãe, negra, com o vício do alcoolismo, situações essas que afetaram o seu íntimo e o fizeram mergulhar na imaginação para tentar esquecer, mas, ainda assim, era a sua mãe. Esse momento, para o crescimento interno de Alfredo, representa a constatação das suspeitas do alcoolismo de dona Amélia. É como se ele estivesse





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

sempre com os olhos vendados para o problema da mãe, uma vez que suspeitava de algo, mas não era concreto, pois não queria enxergar a verdadeira situação na qual sua mãe se encontrava.

Isso é bem explicado ao compreender que “O imaginário é, portanto, mais próximo das percepções que nos afetam do que das concepções abstratas que inibem a esfera afetiva” (Wunenburger, 2007, p. 11). Lembrou-se quando dona Amélia o levou para participar da noite de São Marçal e quis mostrar sua verdadeira identidade para o filho, momentos vivenciados por Alfredo que despertaram a imaginação por meio da memória da mãe, o que, segundo Wunenburger (2007, p. 13), refere-se ao fato de compreender “[...] a memória como conjunto de lembranças passivas, é uma parte importante de nossa imaginação”.

Na noite de São Marçal, Alfredo conheceu o lado dos valores culturais da mãe com base nas histórias sobre o carnaval vivenciadas na juventude e na apresentação do boi-bumbá, momentos apreciados pelo menino que o fizeram compreender, de alguma forma, as raízes da mãe, mas que não eram suficientes para ele aceitar a negritude dela. Alfredo precisava de algo maior, talvez de uma tragédia? A morte da mãe seria o suficiente para que o menino saísse do seu mundo fantasioso dentro do carocinho e aceitasse sua realidade?

Nesse sentido, Lucíola veio para Alfredo como uma mensageira, quando o menino só queria saber da mãe, se ela estava viva ou morta. “Pôs-se a soluçar baixinho [...] Lucíola, perplexa, sem saber o que falar, pousou a mão no ombro dele: — Meu filho, sossega. D. Amélia está bem. Está viva.” (Jurandir, 2018, p. 280). Alfredo, por um momento, não acreditou, mas depois ficou tranquilo, como se um peso saísse dos seus ombros. Ele tinha sua mãe de volta, aquela que se dedicava a ele mesmo quando não recebia nada em troca.

Em alguns momentos, Alfredo tinha consciência do sentimento de desvalorização que nutria pela sua mãe:

Sentado na mala, vendo-a ajoelhada a amarrar-lhe os sapatos, como a empregada Sílvia fazia com os filhos do promotor, Alfredo sentiu que não vinha sendo bom filho como tanto sua mãe merecia. [...] “As mãos dela trabalhavam com ligeireza e a habilidade de uma mucama rendeira. Aquela cabeça baixa.... Nem um fio branco nos cabelos maciços. Nem um fio. E foi um susto quando a mãe, de súbito, levantou o





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

rosto escuro e sério para ele, cheio de carinho e censura. — Pronto, filhotão sem préstimo. Nunca saberá amarrar os sapatos” (Jurandir, 2018, p. 124–125).

Momentos esses lembrados com mágoa na noite anterior, quando o menino foi tomado pelo desespero da possível morte da mãe. Os obstáculos, em meio ao sfumato na floresta, ajudaram Alfredo a trabalhar com as questões da valorização, do egoísmo e do amor maternal, o que, conforme apontado por Wunenburger (2007, p. 13), é trabalhado por meio do imaginário ao tempo que “[...] o imaginário é todo um mundo de crenças, ideias, mitos, ideologias em que mergulham cada indivíduo e cada civilização”.

Assim, cada movimento das plantas, dos animais estranhos, dos vultos e das fumaças representava o imaginar do menino, que lutava contra seus próprios sentimentos, na busca de se livrar do faz de conta, do imaginário em volta do jacaré, um visitante que era bem-vindo ao chalé e que Alfredo aproveitava para impressionar a irmã, como se realmente falasse com ele “Ei, jacaré, onde estás? Tu não vieste? — Conta aquela história que tu me contaste no ano passado, jacaré. E imitava: uum, uum...” (Jurandir, 2018, p. 39) e que virou familiar, pois, a recomendação é que não o matasse se fosse visto, das visões dos cadáveres no cemitério, da dimensão do mundo idealizado dentro do carroço de tucumã, das lendas e dos mitos contados pelos moradores e da temida fazenda lendária, na qual despertava o medo e o devaneio dos moradores da vila.

Lembrava-se dos momentos em que “[...] ficavam horas, esperando o habitual visitante das enchentes de março, o velho jacaré. D. Amélia falava nele desde muito tempo; havia roncado noites sucessivas bem embaixo do quarto.” (Jurandir, 2018. p. 39). Esse movimento narrativo, de acordo com Mantovani (2009, p. 35):

[...] é comum no romance contemporâneo, o espaço transfigurado em ambiente ser visto através dos olhos de uma personagem ou narrador. Observam ainda que, no romance contemporâneo o ódio e a revolta duma personagem parece ser consequências da opressão do “espaço” em seu entorno.

Alfredo, buscando enfrentar seus próprios medos imaginários, agora se via na tão temida fazenda, sempre falada nas rodas de conversa da vila por seus mistérios e que, naquele momento, o faziam entender o porquê de algumas especulações em torno daquele local. O





primeiro contado de Alfredo e Lucíola com Edmundo foi de espanto e medo, pois não sabiam se o que estava se aproximando era real ou algo sobrenatural, como podemos presenciar no seguinte momento do romance:

Não fosse já dia tão claro e Lucíola acreditava numa aparição. Suspensa, muda, a cabeça cheia de suposições confusas e absurdas, agarrou-se ao menino que a olhava perplexo, gelado 76 de espanto. Não havia dúvida. Era a carruagem se aproximando, no clarão da manhã que invadia o bosque. Lucíola reconheceu a caleche do Dr. Menezes [...] (Jurandir, 2018, p. 281).

De acordo com Mantovani (2009, p. 38), isso ocorre porque “[...] determinados espaços não apenas impactam certas narrativas como também caracterizam e delimitam as personagens em seu entorno. Desta forma, cada espaço propicia uma narrativa, um conflito e um determinado comportamento de seus ocupantes.” Naquele momento, Alfredo acreditava se tratar de uma aparição, pois só conhecia o que era uma carruagem pelas fotos de catálogo do seu Salu, o dono do mercadinho, e a caleche que vinha em sua direção apareceu como um clarão da manhã, como se saísse do *sfumato*.

Para a surpresa dos dois, realmente estavam se aproximando Edmundo e sua avó, querendo saber quem eram e o que eles queriam na fazenda. A partir do encontro, Alfredo passou a conhecer melhor a fazenda e seus pavilhões destruídos, após aceitarem — ele e Lucíola — o convite de Edmundo para ficarem na casa grande. Na casa da fazenda, moravam Edmundo, a avó, D. Elisa, e a cozinheira, D. Marciana, esta última famosa por ver vultos e imagens por toda parte. Inclusive, ela dizia para todos que duvidava se Edmundo realmente estaria vivo ou se era mais uma das aparições: “Esse menino morreu foi lá na Inglaterra e é a visagem dele que está aqui. Ninguém me tira isso da cabeça...” (Jurandir, 2018, p. 300).

D. Marciana tinha na cabeça de que ninguém com a consciência boa retornaria para a fazenda arruinada, justificando ainda que ela aguentava ficar no local porque não tinha mais ninguém, já sabia lidar com os fantasmas e fazia suas orações. Para espanto de Lucíola e Alfredo, ela afirmava realmente ver os fantasmas, cujo momento de contação das histórias em torno dessas aparições causou curiosidade e medo em Alfredo, que ficou atento ao escutar as narrativas da velha senhora:





— Com as almas? — Ah, a senhora nem imagina. É uma canseira. Se eu não tivesse minhas orações, meu anjo da guarda, nem sei. Nem sei o que acontecia. Pouco durmo certas noites. São os mortos do lugar. [...] As visagens aparecem e vou ver o que elas querem. Bato o pé com eles, ralho, dou conselho, pareço uma mãe deles (Jurandir, 2018, p. 304).

Percebendo o menino atento, D. Marciana continuou:

— Eu vejo eles com esses olhos. Não tenho cara de mentir. Dou com a língua neles. Pergunto se é o Dias que morreu de uma bala de rifle no vazio. Se é o Pedro Navegante que perdeu a fazendinha e se findou a amarrado no tucumãzeiro. [...] Se são os bolachas, se são as moças infelicitadas, outros, outros. Mas eles não têm língua. Dão gargalhadas. Soluçam. Gemem. Acendem velas. Cada gemido de meter pena [...] (Jurandir, 2018, p. 304).

Alfredo, naquele momento, escutava como se estivesse ouvindo uma história pela primeira vez, “Falando vagaroso. D. Marciana não alterava a voz, os mesmos gestos tranquilos. Lucíola tinha os olhos nela. Alfredo escutava como nunca escutara uma história.” (Jurandir, 2018, p. 254).

Realmente ele nunca escutara algo como as histórias da velha senhora, pois, até então, só tinha ouvido as histórias contadas por dona Amélia, até mesmo por sua amiga Andressa, mas as narradas por D. Marciana recaiam sobre ele com certo assombro, pois poderiam ser verdadeiras, uma vez que, na fazenda, tinham muitas tragédias, sofrimentos, famílias desestruturadas e vingança, fazendo com que o próprio Alfredo viesse a se questionar se as visagens não queriam se vingar no Dr. Edmundo, pois, mesmo não participando das crueldades, fazia parte da família dos Menezes. Edmundo, desde menino, foi proibido de frequentar a fazenda e sempre teve o sonho de correr e crescer em Marinatambalo, mas, por conta das picadas e dos arranhões, sempre foi privado de ir.

Será que realmente Edmundo foi afastado por conta dessas desculpas? Ou para não presenciar as maldades que aconteciam na fazenda? E, por culpa dos atos maldosos de seus tios, teria ele que ser punido pelos vivos e mortos? São indagações que faziam parte do íntimo de Edmundo, uma vez que ele ficava isolado na fazenda, com um sonho de reconstruí-la, mas, lá no fundo, sabia que não conseguiria. O encontro com Alfredo fez Edmundo refletir sobre a sua trajetória, pois ele tinha tudo, mas se tornou um homem solitário e sem nada. Ademais, observando as atitudes de Alfredo com Lucíola, Edmundo percebeu que o invejava, quando ouvia os relatos de Lucíola





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

sobre os sonhos e os obstáculos do menino. Lucíola, melhor do que ninguém, sabia da força e da vontade que existia em Alfredo, conforme se verifica no excerto a seguir: Entretanto, invejava o menino. Invejava-lhe aquela gulodice de viver. Alfredo nascera para não ter nada e ele para ter... Riu-se. Para ter Marinatambalo. Para ser fazendeiro. Na idade de Alfredo, que fazia? Que lhe ficara enfim da infância? Um quarto para brincar, o tédio de tudo a seu alcance, nenhuma miragem, nenhuma coisa impossível, amas e mimos. Que fizera de sua infância? Onde estaria ele quando a de Alfredo, tão nua de brinquedos e de amas, eriçada de desejos, o desprezava e o agredia? (Jurandir, 2018, p. 295).

Assim, a fuga de Alfredo representou não apenas um momento de reflexão sua, mas também um momento de entendimento e lamentações por parte de Edmundo. Os momentos vivenciados na fazenda fizeram com que Alfredo sentisse falta da sua vida, pois, mesmo não sendo o que o menino desejava, era a sua família. Na verdade, ele não queria terminar como Edmundo, solitário e indesejado na vila somente por pertencer à família Menezes, uma vez que, apesar de ele não ser o responsável pelos acontecimentos em Marinatambalo, tinha que carregar essa culpa.

Alfredo desejou voltar para sua casa, mas não sabia o caminho de volta. Ainda assim, os momentos na fazenda ajudaram em seu crescimento pessoal, brotando nele um desejo de voltar, de abraçar a mãe e de comemorar sua vida. O menino, durante seu momento do faz de conta com o caroço de tucumã, desejou restaurar a fazenda para Edmundo, não em consideração à família Menezes, que fez tanto mal para as pessoas da vila, inclusive para a família de sua amiga Andressa, assassinada pelos Menezes, mas pelo o que imaginou que seria, pelas histórias contadas por Lucíola e pelos moradores da vila, pois ficou decepcionado com o que presenciou: “[...] Naquele momento não discernia bem entre sonho e o desencanto de Marinatambalo [...]” (Jurandir, 2018, p. 292).

A fazenda estava esquecida, sem cuidados. “O bosque alargava-se com as sumaumeiras monumentais e a plantão das seringueiras já altas” (Jurandir, 2018, p. 273). Nesse momento, Lucíola também se voltava às lembranças e imaginava cada espaço como era, com luxo, cuidado e delicadeza nos detalhes: “O bosque era como um parque de cidade. Latadas de jasmineiros ao centro envolviam a área onde ficavam os balanços e o coreto” (Jurandir, 2018, p. 273).





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Alfredo não escondeu a decepção de encontrar a fazenda naquela situação, por isso a vontade de reconstruir usando seu mundo imaginário dentro do carço. Os momentos na fazenda serviram de ajuda para o menino trabalhar com seus problemas internos e externos, pois saiu um pouco da sua zona de conforto, que seria a vila e o chalé. A forma de Jurandir (2018) narrar essa fase da vida de Alfredo advém da sua habilidade em trabalhar com o imaginário, coadunando com o apontado por Loureiro (1995, p. 85–86) quando afirma que:

O imaginário amazônico tem vocação alegórica [...] Há, nas alegorias produzidas pelo imaginário na cultura amazônica, uma permanente tentativa de compreender o homem, o amor, a vida, a morte, o trabalho e a natureza. Para compreender-se a Amazônia e a experiência humana nela acumulada, seu humanismo, deve-se, portanto, levar em conta seu imaginário social.

Os problemas relacionados à falta de oportunidades, às melhorias na vila e ao seu desejo de estudar em Belém representavam as situações externas, pois não dependiam dele, mas contribuía para agravar seus problemas internos, que seriam o alcoolismo da mãe e a aceitação dela como negra. Assim, o desejo de ir estudar em Belém fazia parte dos pensamentos do menino, desejo esse que também era de dona Amélia, apesar da saudade que sentiria do filho.

Ela desejava um futuro de realizações, que ele pudesse ter essa oportunidade, não só por ela, mas pela Mariinha, que também já desejava ir a Belém estudar, de tanto que via a vontade do irmão: “Uma vez ela me disse que queria ir também estudar neste colégio que tu falas” (Jurandir, 2018, p. 258). Esse desejo, se dependesse de dona Amélia, já estaria realizado, mas ia muito além, pois eles precisavam de dinheiro e de um lugar para o menino ficar, obstáculos esses que rodavam na cabeça de Alfredo e que o faziam buscar refúgio no imaginário.

Ao descobrir o alcoolismo da mãe, na noite da fuga, Alfredo brigou com seus próprios sentimentos, pois não queria acreditar que sua mãe estava no nível dos bêbados da rua: “Confirmava-se a acusação do seu pai e a cena do banheiro. Era a bebida. Era. Sua mãe bebia. Sua mãe se igualava aos bêbados que vinham do aterro tropeçando, aos gritos, medonhos, caindo nas valas” (Jurandir, 2018, p. 257–258).





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Nesse momento, Alfredo relembrou os fatos ocorridos na rua das Palhas, na qual havia uma mulher bêbada gritando na porta de uma casa abandonada, e pensava se sua mãe faria o mesmo, pois era egoísta e só pensava nele e no que os outros iriam falar. Naquele instante, pensou na sua reputação junto aos meninos da vila, tendo em vista que era muito orgulhoso por ser filho do Major e, de repente, ser filho de uma bêbada estaria fora dos seus planos. Será que esse fato poderia atrapalhar sua ida a Belém? Será que seria alvo de críticas por desejar estudar fora e ser filho de uma bêbada?

Foram momentos angustiantes e questionadores que o menino precisou enfrentar e que agravou com a possível morte da mãe. Por conta de seu orgulho, não queria ir de encontro com as especulações em torno da morte dela, por isso era melhor fugir. Nesse sentido, a perspicácia da escrita de Jurandir (2018), conforme sinalizado por Furtado (2002, p. 8):

[...] transcende a fronteira do mero enquadramento como escritor regionalista menos pelo enfoque do regional do que pela análise crítica das relações sociais, ao plasmar heróis agônicos em tensão contínua, seja com o universo derruído em que se encontram, seja com eles mesmos, devido às dores universais humanas.

A fuga na vida de Alfredo representou seu porto seguro, pois estaria longe da vila, do chalé e dos comentários em relação à mãe. A travessia do menino não seria apenas fugir da vila, mas dele mesmo, pois os sentimentos e os problemas iriam com ele e não teria como abandoná-los. Já a floresta era como se fosse a mente de Alfredo, fechada por dentro, deixando o menino sem saída a respeito do que fazer, apenas criando refúgios no imaginário.

Em seus planos de ascensão, estava dona Amélia, cuja companhia ele almejava para si. Ele gostaria, inclusive, de poder levar o chalé para Belém, aquele lugar no qual vivenciou vários momentos, tristes e felizes. Para Alfredo, se, de um lado, as vivências com a mãe e aquele local o impeliram a querer sair não só de casa, mas da Ilha de Marajó, por achar que aquele lugar não era para ele e não tinha perspectiva de melhoria, de outro, o chalé permeava todas as suas lembranças e o unia à mãe.

Nesse momento de aceitação, em que Alfredo queria a mãe junto a ele, de qualquer jeito, mesmo sendo negra e alcoólatra, ele imaginava poder levar não só a mãe como o chalé





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

com ele para Belém. A travessia na floresta e o encontro com a fazenda lendária trouxeram, para o íntimo do menino, questões que estavam abertas, contudo fechadas para indagações, pois Alfredo sempre olhou somente o externo e nunca deixou brechas para possíveis reflexões internas.

Analisando toda a trajetória desde o dia da fuga, fica evidente a aceitação da mãe do jeito que ela é, porque o sentimento de perda foi tão forte que o fez sentir medo da morte, algo diferente do que tinha sentido por sua irmã. Assim, ele estava preparado para voltar e reencontrar a mãe. Dessa forma, os problemas internos e externos de Alfredo, tratados por Jurandir (2018) por meio das lutas diárias da personagem, que a acompanharam por toda a narrativa até o momento da travessia na floresta para o reino de Marinatambalo, acontecimento fundamental e necessário para seu crescimento e aceitação dos dilemas internos, leva o leitor a ansiar o desfecho, uma vez que ainda faltava a Alfredo realizar seu maior sonho, que era ir a Belém para estudar e conhecer a linda cidade de seus sonhos.

O trajeto percorrido por Alfredo para alcançar seu sonho teve, como aporte, passagens culturais e todo o processo de luta e resistência do povo da região amazônica, buscando uma forma não só de captar seu modo de ser e viver, mas de representá-los a partir do imaginário que permeou toda a trajetória de Alfredo na obra *Três casas e um rio* (2018). Seja animizando a natureza, com seus mitos e lendas e com a relação de dependência e poder do homem com a terra e do homem com a sua origem e cor, a obra dalcidiana tem, como elemento principal, transportar o leitor para aquele contexto e representar a sociedade ribeirinha amazonense como se participasse efetivamente da narrativa, coadunando com o apontado por Durand (1997, p. 432), que afirma que:

O imaginário não só manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como intellectus sanctus, com ordenança do ser às ordens do melhor. Tal é o designio que a função fantástica nos revelou.

Assim, Jurandir (2018) se utiliza de Alfredo para retratar muito mais que uma Amazônia isolada e perdida, mas, sim, como um espaço que, mesmo ocupado pelo





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

imaginário, em que, por vezes, o mundo real se distancia, serve de cenário para retratar as angústias e os desejos daqueles que ali vivem, os medos, as doenças, o desejo da mãe de ver o filho se formar, o conflito, a aceitação da origem mestiça e o acesso a uma vida melhor.

Conclusão

O estudo examinou a construção simbólica da personagem Alfredo em *Três casas e um rio*, com foco na travessia para Marinatambalo e no caminho a Belém, evidenciando o papel estruturante do imaginário no processo de formação. A análise mostrou que Marinatambalo funciona como limiar simbólico entre infância e maturidade; o rio, como elemento mediador entre o vivido e o sonhado, e as memórias de Sebastião e Lucíola, como dispositivos de inscrição da experiência individual na memória social do ciclo da borracha.

Os resultados indicaram que a travessia não se reduz ao deslocamento geográfico. Trata-se de um movimento interior de autoconhecimento, no qual o imaginário reorganiza afetos (medo, culpa e vergonha) e permite a Alfredo integrar a aceitação da origem mestiça ao projeto de futuro representado pela ida a Belém. Nesse percurso, a imaginação não operou como fuga, mas como instância de mediação simbólica, que confere inteligibilidade ao sofrimento e possibilita pertencimento.

Conclui-se que Dalcídio Jurandir figura a Amazônia como categoria simbólica, e não apenas geográfica, articulando rito de passagem, memória social e experiência histórica em uma poética da travessia. Essa configuração supera o enquadramento regionalista estrito e oferece uma chave interpretativa para compreender a formação do sujeito amazônico no entrecruzamento de real e imaginário.

Como desdobramento, o recorte proposto contribui para a leitura do *Ciclo do Extremo Norte* segundo uma lógica formativa sustentada por imagens e símbolos, abrindo caminho a análises comparativas com outros romances do ciclo e com narrativas brasileiras de formação, bem como a aprofundamentos sobre a função do espaço na economia afetiva da obra.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Referências

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FURTADO, Marli Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. Doutorado (doutorado em Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem) Literatura Brasileira, Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP) - Campinas, SP: [s.n.], 2002.

JAEGER, Werner. Paideia: **A Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

JURANDIR, Dalcídio. *Três casas e um rio*. 4. ed. Bragança, SP: Parágrafo Editora, 2018.

LEAL, Marcilene Pinheiro. **Identidade e hibridismo em Dalcídio Jurandir**. A formação identitária de Alfredo, em *Três casas e um rio*. Tese (Mestrado em Letras. Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. Pará, 2008.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. O governo dos índios sob a gestão do SPI. In: CUNHA, Manoela Carneiro da (org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LOUREIRO, João de Jesus Paz. **Elementos de estética**. 3. ed. rev. e ampl. Belém: EDUFPA, 2002.

MANTOVANI, Antônio Aparecido. **Espaço em ruína: meio social, conflito familiar e a casa em ruína em Os dois Irmãos de Germano Almeida e Dois Irmãos de Milton Hatoum**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, Área de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo, 2009.

MORAES, Viviane Dantas. **O grotesco em Dalcídio Jurandir: Chove nos campos de Cachoeira e Três casas e um rio**. Tese (Mestrado em Letras). Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. Pará, 2011.

NUNES, Benedito. O coração sente um jeito marajoara de ser: minha gapuição em *Três Casas e um rio*, de Dalcídio Jurandir. **Asas da palavra**, Belém, v. 3, n. 96 4, 1999.

NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia R. (Orgs.). **Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

RAMOS, Anna Claudia. **Nos bastidores do imaginário:** criação e literatura infantil e juvenil. São Paulo: DCL, 2006.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Recebido em: 14/08/2025

Aprovado em: 22/09/2025

Publicado em: 09/10/2025

